

GEORGE PHILIPS DART¹

George Philips Dart nasceu em Waterford, Irlanda, a 31.5.1811 e faleceu. na sua casa da Rua de S. Francisco, 6, 2º, em Lisboa (Mártires) a 22.3.1885 (sep. no Cemitério dos Prazeres, mausoléu nº 133), com testamento aprovado em Liverpool a 5.5.1881 pelo notário Francis Maddock e codicilo de 18.5.1881, aprovado pelo mesmo notário².

Não se sabe em que ano passou à Terceira, mas era certamente muito novo, pois em 1831 – ou seja, com 20 anos de idade! -, já fazia um empréstimo de 10 contos de reis à Junta de Fazenda da Regência³. Começou a sua actividade como comerciante por grosso, com armazém nos baixos da sua casa da R. do Salinas⁴. À medida que a sua fortuna se consolidava, foi adquirindo inúmeras propriedades na Terceira, especialmente vocacionadas para a plantação de pomares de laranjeiras, como a quinta da Canada do Célis, com o seu «cottage» que mandou construir⁵ e a Quinta do Martelo.

Capitalista e abastado proprietário, é como se lhe referem os jornais, ao noticiar a sua morte. Manteve durante toda a vida frequentes contactos com a Inglaterra, onde se deslocava com muita regularidade, não só para tratar dos seus negócios, como para a educação dos seus filhos. Possuía uma importante livraria, na qual avultavam os clássicos franceses e ingleses.

Foi o primeiro agente consular do Brasil na Terceira, após a proclamação de independência daquela antiga colónia portuguesa, lugar que exerceu, com a categoria de vice-cônsul, nomeado por carta de 2.5.1838, até 1857⁶; agente consular da Áustria, por carta de 6.7.1842, até 1884⁷ e agente consular dos E.U.A., por carta de 20.9.1850, até 1862⁸; e agente do Banco Nacional Ultramarino, na Terceira. Comendador da Ordem de Cristo, por proposta do Ministro da Fazenda, como testemunho do apreço pelos bens serviços que prestou ao cofre central do distrito de Angra, a fim de se levar a efeito a troca de moeda brasileira carimbada, mandada retirar da circulação no mesmo distrito⁹.

Herdou de sua sogra uma grande quinta no Largo de S. Carlos, com suas casas nobres, casa de quinteiro, adega, cavalariças e pomar, que vendeu 30.4.1860¹⁰ a José

¹ Nota a partir de António Ornelas Mendes e Jorge Forjaz, *Genealogias da Ilha Terceira*, tít. de **Dart**.

² A.N.T.T., *Registo de Testamentos de Administração do Bairro Central*, L. 83, fl. 58. Original do testamento no arquivo do autor (J.F.).

³ «Que George Dart era o zápete do alto comércio de Angra como o demonstra o empréstimo de dez contos que, de contado, fez em 21 de Fevereiro de 1831 à Junta da Fazenda da Regência» - Vitorino Nemésio – *Memorial da Muito Notável Vila da Praia da Vitória*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929, p. 217.

⁴ No jornal *O Iris da Terceira*, nº 67, de 11.9.1839, publicou o seguinte anúncio: «G. P. Dart e C^a fazem publico que tem aberto uma loja nos baixos das cazas da sua residencia na Rua do Salinas, onde tem à venda toda a qualidade de Fazendas tanto por atacado como a retalho e por preços muito módicos». E no jornal «O Escudo», nº 157, de 24.5.1849, anunciava que ia abrir um novo armazém de retalho debaixo da mesma casa da Rua do Salinas, em que venderia fazendas de lã e algodão de Inglaterra, linho, estopa, açúcar, café e arroz. Esta casa, pertence hoje aos herdeiros do Dr. Joaquim Rocha Alves – vid. *Genealogias da Ilha Terceira*, ALVES, § 2º, nº 7 -.

⁵ Hoje propriedade dos herdeiros de Frederico Dácio Bettencourt, industrial de bordados.

⁶ Conforme informação constante do ofício nº 150, de 22.7.1964 do encarregado de negócios do Brasil em Lisboa, Donatello Grieco, ao Dr. João Cunha da Silveira em Lisboa.

⁷ Ofício 2 L. 5605/64, de 10.3.1964, do Österreichisches Staatsarchiv de Viena, ao mesmo.

⁸ Ofício MCRD de 29.6.1964, do National Archives and Records Services de Washington, ao mesmo.

⁹ Decreto de 7.4.1873, *Diário do Governo*, nº 88, 1873. O semanário *A Terceira*, nº 741 de 24.5.1873 refere-se a esta mercê dizendo que foi «em atenção à generosidade com que abriu os seus cofres para auxiliar o tesouro deste districto, quando no ano passado se trocou a antiga moeda de prata».

¹⁰ B.P.A.A.H., *Comarca de Angra, Processos Cíveis*, M. 451.

Borges Leal Côrte-Real¹¹, depois de lhe ter retirado um lote, no qual construiu a sua própria casa¹² (hoje sede da Secretaria Regional do Planeamento).

Por testamento pediu que o funeral se fizesse sem pompa e segundo os ritos da religião protestante e deixou a sua livraria em partes iguais às suas filhas Maria e Emília; o relógio e a cadeia de ouro, o anel de diamante e o anel de brasão de ouro¹³ ao filho Jorge.

C. no oratório do Paço Episcopal (reg. Sé) a 5.12.1839 com D. Francisca Elísia de Sampaio e Lemos, da Casa da Madre de Deus.

George Dart era protestante (Church of England), pelo que a mulher teve que requerer autorização ao Bispo para casar, declarando-se que nenhum abdicaria das suas convicções religiosas¹⁴. Curiosamente, alguns dos filhos foram católicos e outros protestantes., e uns falavam inglês e outros não. A própria D. Francisca Elísia nunca falou inglês, como ela própria confessa numa carta que escreveu para as duas filhas mais velhas que estavam em Inglaterra: «**As minhas filhas fação da minha parte cumprimentos à tia Maria, e a Augusta e Agnes e que não reparem se lhes não escrevo mas que o motivo é por não saber inglez**»¹⁵

Do seu casamento teve 8 filhos, mas só tem descendência de três deles – as família Castro Parreira, Pereira Forjaz e Kelson (em Inglaterra). Teve ainda três filhos ilegítimos, com descendência na Terceira (Couto), Lisboa (Fagundes) e Rio de Janeiro (Dart).

Reuniu uma importante biblioteca, em que se destacam os mais conspícuos autores ingleses da época, bem como os autores clássicos. A maioria destes livros foi herdada por sua filha Emília, casada com Henrique de Castro, e destes a seu filho Tomé de Castro que os deixou a seu neto José Henrique de Castro da Costa Franco, que, por testamento, os deixou a seu primo Jorge de Castro Parreira, doador da coleção à Biblioteca Pública.

¹¹ Vid. *Genealogias da Ilha Terceira*, LEAL, § 5º, nº 10.

¹² Que pertenceu mais tarde ao Dr. Aires Soares de Albergaria Tavares da Silva – vid. *Genealogias da Ilha Terceira*, TAVARES DA SILVA, § 1º, nº 5 -, cujos herdeiros a venderam ao Estado, e é hoje sede da Secretaria Regional do Planeamento.

¹³ O filho Jorge morreu solteiro, e o anel acabou por ser herdado pelo seu sobrinho António Dart da Costa, que também não teve filhos e que, como morreu antes da mulher, foi esta quem o herdou. Depois da sua morte, o anel e outros bens originários da família Dart, foram parar aos seus herdeiros. Ao autor (J.F.), que mantinha muitos contactos com este ramo da família, ofereceram os herdeiros de D. Sofia Pedreira da Costa, duas peças em lembrança da família – um retrato a óleo sobre madeira de George Philips Dart e um desenho à pena de João Cabral de Melo Neto, dedicado a George Philips Dart. Falei então no anel – e foi-me dito que teriam muito gosto em oferecer-mo, mas que, segundo tinham ouvido dizer, aquilo não era o brasão da família, mas sim o distintivo de um qualquer club, cujo nome não recordo, e que havia sido prometido a uma senhora amiga da casa, cujo pai também fora membro desse club. E assim se foi o anel de brasão de George Philips Dart!

¹⁴ O original deste requerimento pertence aos herdeiros do Dr. João Cunha da Silveira, em Lisboa.

¹⁵ Original no arquivo do autor (J.F.).